

**MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA**

CLASSE DE CIÊNCIAS

Cumprimentos aos novos académicos

JOSÉ MANUEL TOSCANO RICO



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA**

LISBOA • 2024

Título: Cumprimentos aos novos académicos

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2024

DOI: <https://doi.org/10.58164/1bmb-jj41>

CUMPRIMENTOS AOS NOVOS ACADÉMICOS

JOSÉ MANUEL TOSCANO RICO

Uma primeira palavra para agradecer ao Sr. Presidente da Academia e ao Conselho Administrativo o honroso convite para estar agora neste lugar. Atribuo-o facto de completar neste ano 44 anos de vida activa e comprometida com a Academia, sendo, em conjunto com o Sr. Armando Pombeiro, um dos dois decanos da Academia.

As Academias são, antes de tudo, associações de pessoas livres que se dedicam ao estudo e ao desenvolvimento de uma determinada área do conhecimento, mas com uma mundividência que lhes dilata o horizonte e lhes permite ultrapassar barreiras estabelecendo pontes com outros domínios. Por esta forma de ser e de estar colocam em conjunto os seus saberes ao serviço da comunidade onde se inserem. Por esta forma de ser e de estar vemos a Filosofia dar a mão às Tecnologias da Inteligência Artificial, o Direito articular iniciativas com as Ciências Médicas, as Ciências Exactas da Matemática, da Física e da Química apoiar a Sociologia e a Ética a ajudar a estruturar todo o edifício do conhecimento. Para além destas colaborações entre áreas diferentes surgiram domínios transversais como os recentemente incluídos nos novos Estatutos da Academia: Tecnologias, Conhecimento e Sociedade na Classe de Ciências e Comunicação e Artes na Classe de Letras.

As Academias distinguem-se assim das Sociedades Científicas, por vezes quasi monotemáticas, que necessariamente continuam a existir e, por isso, não competem com elas.

As Academias são por vezes incompreendidas, e até mesmo vilipendiadas, as mais das vezes por ignorância, outras por inveja, geralmente por conseguirem manter uma saudável distância em relação à espuma dos dias e às modas transitórias, atrás das quais muitos dos detractores correm julgando ver Juno no que é apenas uma simples nuvem.

Por vezes designam-se os Académicos como imortais. Várias razões podem ser aduzidas para justificar esta qualidade. Desde as obras que realizaram e pelas

quais se foram da lei da morte libertando, ao continuado reconhecimento dos seus pares nas Academias.

É esta manutenção permanente na memória dos que com eles conviveram no dia a dia da vida sempre difícil e atribulada das instituições, que testemunha a saudade de uma ausência e a perenidade de uma presença. Talvez por esta razão a colectânea de trabalhos apresentados nas sessões da Academia que se encontra reunida nos 48 volumes da Classe de Ciências e nos 41 volumes da Classe de Letras é designada como Memórias da Academia das Ciências. As Academias são deste modo as grandes guardiãs da memória colectiva.

Gostaria assim, neste momento, de recordar duas personalidades que viveram a Academia, que lhe imprimiram muito do seu espírito e que a projectaram além fronteiras, o Sr. José Pinto Peixoto e o Sr. José Victorino de Pina Martins com os quais tive o privilégio de trabalhar e com os quais muito aprendi do seu "*Tal-lant de bien faire*". Fica assim expressa neste dia de júbilo o singelo testemunho de uma grata memória.

A nossa Academia surgiu em pleno século das luzes, imbuida do seu espírito e valores, com o beneplácito régio da Rainha Senhora D. Maria I na véspera de Natal do ano de 1779. O projecto e os seus primeiros estatutos devem-se a duas personalidades influentes da época. Uma delas, o segundo Duque de Lafões, pertencente à família real, homem culto e largamente viajado, desde a Europa Central, onde participou na guerra dos 7 anos, ao Médio Oriente e ao Egipto, e cujo busto, da autoria de Machado de Castro, continua a presidir na Sala das Sessões desde 1817. A sua biografia já foi amplamente apresentada nesta Academia por Joaquim de Vasconcellos (1927). A outra, o Abade Correia da Serra, botânico de renome internacional, possuidor de uma vastíssima cultura, o único estrangeiro a ter um quarto reservado na mansão do Presidente Jefferson dos Estados Unidos, em Monticello, cerca de Charlottesville, no estado da Virgínia.

Procurando abarcar todo o leque de conhecimentos, logo de início, a Academia das Ciências foi composta por três Classes. Uma dedicada às Ciências de Observação ou Ciências Naturais, outra às Ciências de Cálculo ou Ciências Exactas, e a terceira, às Ciências Morais e Belas Letras.

As Academias, como todas as instituições intimamente ligadas à Sociedade, têm de acompanhar a sua evolução procurando nunca perder a sua identidade e objectivos. É assim que a Academia das Ciências de Lisboa

tem vindo sucessivamente a adaptar-se ao progresso e à diversificação dos conhecimentos, por um lado aumentando o número dos académicos, por outro criando novas Secções, como sucedeu na recente revisão dos Estatutos. Incluída neste âmbito deve salientar-se também a utilização de modernos meios de comunicação que permitiram aos Académicos, e também ao público interessado nos trabalhos da Academia, seguir as sessões à distância. Aproveito a ocasião para, como Decano da Academia e membro da Comissão que redigiu os Estatutos, dirigir um sincero agradecimento de todos nós à nossa Confrade Senhora D. Maria da Glória Garcia. Só o seu saber jurídico e inalterável bom senso permitiu chegar à versão final que hoje nos rege.

Ao longo dos seus mais de dois séculos de existência, e no âmbito do espírito que a anima desde a sua fundação, a Academia das Ciências de Lisboa tem procurado contribuir para o progresso social por diversos meios. Um deles, logo na sua origem, desde 1789 a 1815, consistiu na publicação de um estudo exaustivo da situação económica do reino intitulado “Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes e da indústria em Portugal”. Esta obra foi recentemente reeditada pelo Banco de Portugal sob a orientação de dois Académicos ilustres, os Senhores Manuel Jacinto Nunes e José Luís Cardoso.

Outra das iniciativas foi a Instituição Vacínica, promovendo a vacinação anti-variólica em todo o Reino. Não é este o tempo nem o lugar para relatar a história de uma das doenças mais graves ao longo dos séculos, com uma alta mortalidade e deixando frequentemente desfigurados os sobreviventes. Jenner, em 1798, no Reino Unido, tinha descoberto uma vacina que se tinha mostrado eficaz. Em 1812, foi proposto por Bernardino António Gomes, na Academia das Ciências, um ambicioso programa de vacinação antivariólica gradualmente estendido a todo o Reino. Esta iniciativa, foi objecto de uma rigorosa supervisão, recrutando médicos e cirurgiões em todas as províncias, com relatórios anuais dos progressos realizados. Os sucessivos relatórios evidenciam o pleno sucesso do programa.

Uma terceira iniciativa da Academia foi o estudo dos recursos naturais do Reino nomeadamente minerais, de onde resultaram os Serviços Geológicos Nacionais ainda hoje em funções.

Estas foram as áreas em que inicialmente a Academia das Ciências se distinguiu no apoio ao desenvolvimento da “*res publica*”. As iniciativas mais recentes já foram apresentadas pelo Senhor José Luis Cardoso, Presidente da Academia.

Mas a Academia não é apenas passado. Este mostra o que aqueles que nos antecederam conseguiram realizar e alicerça a responsabilidade dos actuais académicos na projecção do futuro. E a Academia das Ciências de Lisboa é sobretudo futuro. Por isso é que, como Decano desta instituição centenária, gostaria agora de saudar os novos Confrades que tendo sido eleitos nos termos regimentais vão agora ser empossados numa cerimónia que se realiza pela primeira vez ao abrigo dos novos Estatutos e Regulamento.

Em primeiro lugar quero agradecer a todos os novos membros da Academia das Ciências de Lisboa o facto de terem aceite a responsabilidade de continuar um trabalho que já vem de longe, procurando dilatar os horizontes do conhecimento e das suas aplicações ao progresso da sociedade e ao prestígio de Portugal. Gostaria ainda de dirigir um cumprimento especial aos novos Académicos Honorários, Engenheiro António Manuel de Oliveira Guterres, Dr.^a Lídia Jorge, Cardeal D. José Tolentino de Mendonça, Professor Luís Francisco Valente de Oliveira, Professor António Damásio e Senhora D. Maria João Pires. São personalidades sobejamente conhecidas da vida académica, cultural, política e artística pela sua competência e dedicação à causa pública, dispensando por isso uma mais ampla referência ao seu curriculum. Basta referir que tiveram o apoio unânime de ambas as Classes. Muito esperamos da vossa colaboração nos anos vindouros.

Uma saudação académica e fraternal aos novos Académicos Efectivos. Já conhecem o modo de funcionamento da Academia e já lhe deram muito do seu trabalho e empenho enquanto Académicos Correspondentes. Assim, lembro apenas a velha tradição desta casa de deixarmos à porta as honrarias e títulos para iguais perante o conhecimento que nos ultrapassa e a cultura que nos envolve, nos tratarmos apenas por Senhores, como o fizemos atrás. A segunda lembrança consiste na obrigação de efectuar a Evocação Histórica do vosso antecessor na cadeira que passaram a ocupar. É a forma que os nossos antecessores utilizaram para manter vivo o espírito e a continuidade da Academia. A todos e a cada um os votos de uma vida pessoal e profissional cheia de sucessos para que possam também ser úteis à comunidade onde estamos e vivemos.

Uma referência ainda aos Académicos Efectivos e que passaram à categoria de Emérito por razões ponderosas. Continuando no pleno uso das suas prerrogativas, apenas libertam a vaga. Continuamos por isso a contar com a vossa permanente colaboração e apoio nos nossos trabalhos.

Aos novos Académicos Correspondentes, a entrada na Academia das Ciências de Lisboa não constitui um prémio de fim de carreira, mas um desafio de futuro. Os actuais Académicos Efectivos julgaram que o vosso passado era promissor não só no campo específico que cultivam na Ciência, nas Letras ou nas Artes, mas também em relação à possibilidade de colaborarem com outros domínios da Cultura promovendo o progresso em Portugal.

A todos um bem-haja, os nossos votos de uma Vida Académica plena e frutuosa, lembrando sempre o lema que desde a sua fundação tem norteado a Academia das Ciências de Lisboa: "*Nisi utile est quod facimus stulta est gloria*". Se não for útil o que fazemos a glória é vã.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA NO DIA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
NA SESSÃO DE 6 DE JULHO DE 2023

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 7 DE JULHO DE 2023

* A presente comunicação não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.